



Estudos de Psicologia

ISSN: 0103-166X

estudosdepsicologia@puc-
campinas.edu.br

Pontifícia Universidade Católica de
Campinas
Brasil

Groff Vivian, Aline; de Cássia Sobreira Lopes, Rita; Ballardin Gerra, Gabriela; Piccinini,
Cesar Augusto

"Eu fico comparando": expectativas maternas quanto ao segundo filho na gestação

Estudos de Psicologia, vol. 30, núm. 1, enero-marzo, 2013, pp. 75-87

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=395335540009>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

"Eu fico comparando": expectativas maternas quanto ao segundo filho na gestação

"I keep making comparisons": Maternal expectations during pregnancy regarding the second child

Aline Groff **VIVIAN**¹

Rita de Cássia Sobreira **LOPES**²

Gabriela Ballardin **GEARA**³

Cesar Augusto **PICCININI**²

Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar as expectativas e os sentimentos de gestantes de segundo filho em relação ao bebê. Participaram 25 mulheres, no último trimestre de gestação, com idades entre 28 e 43 anos. Todas residiam com o pai dos dois filhos, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Realizou-se entrevista semiestruturada, submetida à análise qualitativa de conteúdo. Os resultados indicaram diferentes expectativas maternas quanto ao segundo filho, tanto em relação ao sexo e ao nome, como quanto às características emocionais e físicas, com destaque para as comparações com o primogênito. As mães grávidas do segundo bebê depararam com o desafio de acolher e aceitar o desconhecido. O significado do segundo filho para a mãe ainda precisa ser contemplado em estudos sobre o tema.

Unitermos: Estrutura familiar; Gestação; Relações mãe-criança; Segundo filho.

Abstract

The present study aimed to investigate the expectations and feelings of pregnant women regarding their second child. A total of 25 second-time mothers, aged 28 to 43, in the last trimester of their second pregnancy, took part in the study. They lived with their partners, in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. A semi-structured interview was carried out, which was analyzed according to qualitative content analysis. The mothers reported their expectations concerning the second child regarding gender, name, and physical and emotional characteristics, often making comparisons with the firstborn. Mothers who are expecting a new baby are faced with the challenge of welcoming and accepting the unknown that the new infant represents. The meaning the second child has for the mother must be explored in future studies on the subject.

Uniterms: Family structure; Pregnancy; Mother child-relations; Second child.

A gestação é parte de uma experiência repleta de sentimentos intensos e transformações físicas e emocionais na mãe, como importante período de

preparação para a chegada do bebê (Brazelton & Cramer, 1992; Piccinini, Gomes, Moreira & Lopes, 2004; Piccinini, Lopes, Gomes & Nardi, 2008). É também um momento



¹ Universidade Luterana do Brasil, Curso de Psicologia. Av. Faropilha, 80, Campus Canoas, São José, 92425-900, Canoas, RS, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: A.G. VIVIAN. E-mail: <avivian@terra.com.br>.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Porto Alegre, RS, Brasil.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Curso de Psicologia. Porto Alegre, RS, Brasil.

de regressão à dependência, no qual a mãe começa a desenvolver um processo de identificação com o filho que vai nascer. Na gravidez, ela se torna anfitriã de um novo ser humano e precisa recebê-lo sem saber como ele será (Winnicott, 1966/1987a). Justamente por estarem diante de um bebê desconhecido, as mães costumam gerar expectativas quanto à criança. Essas expectativas podem ter origem tanto em questões narcísicas, quanto na relação com os próprios pais, bem como em projeções e necessidades conscientes e inconscientes ligadas àquele bebê (Brazelton & Cramer, 1992; Piccinini et al., 2004).

Em uma revisão da literatura realizada nos principais periódicos indexados (SciELO, *PsychInfo*, Lilacs, *IndexPsi*, *EbscoHost*), foram encontrados poucos estudos empíricos recentes que enfocam especificamente a gestação e a experiência da maternidade do segundo filho (Coldebella, 2006; Frost, 2006; O'Reilly, 2004). No contexto mais amplo envolvendo um segundo filho, têm sido explorados temas como o impacto do nascimento desse novo bebê na dinâmica das relações familiares (Pereira & Piccinini, 2007; Piccinini, Pereira, Marin, Lopes & Tudge, 2007) e, especificamente, nas interações da mãe com o primogênito (Kojima, Irisawa & Wakita, 2005) ou nos comportamentos de dependência do primeiro filho (Oliveira & Lopes, 2008). Também vem sendo investigados o tornar-se irmão e o surgimento da rivalidade fraterna (Pereira & Piccinini, 2011; Volling, 2005). A parentalidade, a conjugalidade e o apoio recebido pela mãe do segundo filho também vêm sendo analisados (Krieg, 2007; Möller, Hwang & Wickberg, 2006; Nichols, Roux & Harris, 2007). Muitos dos estudos compararam casais com um e dois filhos, com base em métodos quantitativos ou mistos (Krieg, 2007; Nichols et al., 2007).

Destaca-se um dos trabalhos que investigou as expectativas e os sentimentos de primíparas e secundíparas sobre seus bebês, através de um estudo de caso coletivo realizado com sete mulheres que gestavam o primeiro filho e outras sete grávidas do segundo (Coldebella, 2006). As expectativas e os sentimentos dessas mães, no terceiro trimestre de gestação, foram mediados pela existência do primogênito. Nesse sentido, além de se apoiarem na história pessoal das gestantes, em um bebê ideal e nos conflitos edípicos, as mulheres partiram da experiência anterior ao confrontar expectativas e sentimentos com o bebê do qual já cuidavam e com

quem conviviam. Assim, o primeiro filho configurou-se como um parâmetro real para as mães que esperavam o segundo.

Mesmo que esse e outros estudos tangenciem a gestação e o nascimento do segundo filho, o tema precisa ser melhor analisado, em especial com mães que esperam outro bebê. Sabe-se que a relação da mãe com seu filho já começa desde o período pré-natal, e se dá, basicamente, através das expectativas que a mãe tem sobre o bebê e da interação que estabelece com ele (Caron, Fonseca & Lopes, 2008; Piccinini et al., 2008). Esses processos têm sido mais estudados em mães primíparas ou em estudos comparativos (Coldebella, 2006), tornando-se importante conhecer esses processos específicos no caso de mulheres que esperam o segundo filho.

Esse novo bebê traz consigo o desconhecido, podendo mobilizar sentimentos diversos diante da reorganização necessária para sua chegada. A gravidez tanto propicia que a mãe regrida, como pode proporcionar o amadurecimento de todos os familiares. Assim como as crianças, os pais podem crescer com cada filho (Winnicott, 1968/1987b). Tendo em vista a riqueza do contexto da chegada de um novo bebê, considera-se que a mãe se depara com complexos desafios decorrentes da gestação e proximidade do nascimento (Lopes, Vivian, Oliveira, Pereira & Piccinini, 2012), embora ainda haja uma lacuna na literatura sobre o tema. Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo compreender as expectativas e os sentimentos maternos a respeito de seu segundo filho em especial, no que se refere às características físicas e emocionais, bem como quanto ao sexo e ao nome da criança.

Método

Participantes

Participaram do presente estudo 25 gestantes no último trimestre de gestação do segundo filho, com idades entre 28 e 43 anos. A média de idade das mães era de 34 anos, e todas viviam com o pai do bebê. As participantes eram de níveis socioeconômico variados e residiam na Região Metropolitana de Porto Alegre (RS). Em termos de escolaridade, as gestantes variaram entre ensino médio incompleto (4%), ensino médio

completo (12%), superior incompleto (28%) e completo (40%) e pós-graduadas (16%), com profissões classificadas em baixo 2 (4%), médio 3 (16%), médio-alto 4 (24%) a alto status 5 (56%) de acordo com a escala de Hollingshead (Hollingshead, 1975; Tudge & Frizzo, 2002).

A amostra foi selecionada dentre os participantes de um projeto maior intitulado "Estudo longitudinal sobre o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito - ELSEFI" (Piccinini, Lopes, Rossato & Oliveira, 2005). A pesquisa acompanhou 54 famílias que tinham o primogênito em idade pré-escolar (3 a 6 anos), desde a gestação até o segundo ano de vida do segundo filho. Em 29 famílias, a mãe estava grávida do segundo filho, no terceiro trimestre de gestação (no momento do contato inicial), e as demais 25 famílias tinham um único filho. Os pais e as mães apresentavam nível socioeconômico variado, residiam na região metropolitana de Porto Alegre, eram casados, e 47 famílias estavam no primeiro casamento (87%). As famílias foram contatadas através de escolas de educação infantil (67%), de hospitais e unidades sanitárias de saúde de Porto Alegre (5%) e de indicações (28%).

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Protocolo nº 2004373, em 28/04/2005, e todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes de sua inclusão na amostra.

Procedimentos

No primeiro contato com as gestantes, explicaram-se os objetivos do estudo, foi assinado o consentimento informado, e realizadas a *Entrevista de contato inicial* (GIDEP/Nudif/UFRGS/CNPq, 2005a) e a *Entrevista de dados demográficos* (GIDEP/Nudif/UFRGS/CNPq, 2005b). A primeira entrevista buscava investigar características demográficas, bem como se a gestante esperava o segundo filho, sua idade gestacional, seu estado de saúde. Uma vez atendidas as características exigidas para participar do estudo, realizava-se a segunda entrevista, usada para se obterem informações demográficas adicionais, tais como: escolaridade, estado civil, ocupação, religião e grupo étnico. Em seguida, combinava-se um encontro na residência do casal, quando a mãe era solicitada a responder à *Entrevista sobre a gestação e as*

expectativas da gestante (GIDEP/Nudif/UFRGS/CNPq, 2005c). Tal entrevista, semiestruturada, compunha-se de oito conjuntos de questões relacionadas tanto ao bebê como à maternidade, e examinava, por exemplo, as percepções da gestante em relação ao planejamento e à aceitação da gravidez, e a gravidez no contexto da relação com o pai do bebê e demais membros da família. Além disso, investigavam-se as percepções e as fantasias da gestante sobre o bebê e a maternidade. Para fins do presente estudo, consideraram-se apenas as questões relacionadas ao bebê. Cada tópico investigado era apresentado inicialmente à gestante através de uma pergunta ampla (exemplo: "*Eu gostaria que tu me falasses sobre o teu bebê*"). Caso a resposta não contemplasse os tópicos de interesse da pesquisa, eram usadas outras questões que ajudavam a esclarecer os tópicos (exemplo: "*Tu já sabes o sexo do bebê? Algum motivo para a escolha do nome? Que características físicas tu imaginas que o bebê vai ter? Como tu imaginas que vai ser, o jeito dele? Por quê?*").

Utilizou-se análise de conteúdo qualitativa (Laville & Dionne, 1999) para investigar as expectativas e os sentimentos das gestantes sobre o bebê. Cinco categorias temáticas foram criadas para examinar as expectativas quanto ao segundo filho em termos de: 1) *planejamento e motivações*; 2) *sexo*; 3) *nome*; 4) *características físicas*; 5) *características psicológicas*. As categorias basearam-se na literatura (Brazelton & Cramer, 1992; Frost, 2006; Kancyper, 2004; Piccinini et al., 2004; Winnicott, 1966/1987b) e nas próprias respostas das gestantes à entrevista. Dois dos autores do presente estudo classificaram separadamente os relatos das mães em cada categoria e, em casos de discordância, usou-se um terceiro autor como juiz. A seguir, são apresentadas e discutidas as categorias, ilustradas com os relatos das mães.

Resultados

Planejamento e motivações para o segundo filho

Quanto ao planejamento do segundo filho, foram incluídas as respostas das mães que abordavam desde o planejamento (ou não) da gravidez, o tempo de espera para engravidar e a confirmação da gravidez. O planejamento do segundo filho foi mencionado pela

maioria das mães "Essa gravidez aqui foi bem planejada... Foi bem pensada... e a gente quer muito" (Mãe 11). As mulheres já vinham anteriormente falando com seus maridos sobre os planos para engravidar: "há mais de ano, conversando sobre a questão de ter o outro" (Mãe 3); "Porque a gente queria" (Mãe 16). Ainda assim, duas mães declararam não terem planejado a gestação. Apenas uma delas não teve o consentimento do marido para engravidar: "não estávamos planejando, apesar de eu ter uns 50% de vontade de ter... Na cabeça dele era até um" (Mãe 2).

O tempo de espera para engravidar variou de poucos meses - , "em janeiro eu parei de tomar a pílula, daí em fevereiro eu engravidiei. Foi bem rápido" (Mãe 4) -, a períodos próximos a um ano ou mais: "há uns oito meses, tentando a gravidez" (Mãe 3); "já fazia quase um ano, aí... eu engravidiei" (Mãe 7).

Algumas mães que planejaram sentiram-se satisfeitas e tranquilas com o momento em que engravidaram, quando suas expectativas foram cumpridas e por não terem tido que esperar e ficar apreensivas: "veio na hora assim, foi muito bom" (Mãe 16); "Foi tranquilo porque foi rápido, não teve problema de espera, de 'será que tô, será que não tô?'" (Mãe 4). Porém, nem sempre o momento em que ocorreu a gestação era o esperado, tanto por ser mais cedo quanto mais tarde do que imaginavam. Dentre as mães que ficaram grávidas mais rápido do que esperavam, relataram-se sentimentos de surpresa: "foi muito rápido. Já na primeira semana que não nos cuidamos... eu fiquei grávida: 'Ai, já?, né?'" (Mãe 8); "Foi meio surpresa" (Mãe 14). Sentimentos ambivalentes foram descritos por mães que pensavam que levariam mais tempo para engravidar: "talvez não pra este momento... veio antes, mas tudo bem, não tem problema... surpresa sim, mas não descontentamento" (Mãe 6); "não digo um susto assim, mas eu imaginava que ia engravidar mais pro fim do ano" (Mãe 19). E também por mães que já estavam pensando em desistir e foram surpreendidas: "ai, ai, que medinho. Mas foi muito legal porque daí a gente já saiu contando pra todo mundo" (Mãe 21).

Entretanto, as mães que tentaram por períodos de quase um ano ou mais relataram algumas dificuldades que as impediram de engravidar no momento em que imaginavam: "queria ter ele mais cedo, mas não foi possível... por causa de problemas de saúde" (Mãe 15); "[marido] viaja muito" (Mãe 21). Sentimentos de ansieda-

de e frustração foram apontados, na medida em que se estendia a espera pela confirmação da gestação: "foi no meio de ansiedade: 'o que é que tava acontecendo... porque é que não vinha?...' Daí eu já tava meio frustrada. Todos os meses... atrasava um, dois, três, cinco dias e eu achava que tava grávida" (Mãe 13).

Independentemente do tempo de espera, a reação à notícia da gestação foi associada a sentimentos de surpresa, bem-estar e satisfação por ser o início de uma mudança: "Eu queria muito essa segunda gestação. Então quando a gente ficou sabendo foi muito legal" (Mãe 16); "ah, fiquei super feliz porque já tava numa expectativa grande" (Mãe 20); "agora é pra valer, agora não é só um sonho, não é só um plano. Bom, agora as coisas realmente vão mudar" (Mãe 12). Alguns sentimentos ambivalentes foram associados à notícia: "Demorou, acho que fiquei umas duas semanas para conseguir aceitar bem" (Mãe 14).

A fim de tomar a decisão de engravidar novamente, a vontade e os pedidos do primogênito foram levados em consideração pelas mães, como fatores de motivação para terem outro bebê: "sempre pedia e fazia dois anos que ela vinha pedindo" (Mãe 8); "já pede faz mais de três anos, mano, queria um mano" (Mãe 17). Além da vontade do primeiro filho, a decisão do casal de não ter um filho único também foi mencionada como fator decisivo: "começou a pedir um irmãozinho... começamos a planejar nosso segundo" (Mãe 5); "não esperar tanto tempo que ele se acostumasse todo o tempo a ser o filho único e ter toda a casa em função dele" (Mãe 10).

A possibilidade de o primogênito ter um irmão e não ficar sozinho também foi outro aspecto relevante para as mães: "deixa-lo ele sozinho assim, entende? Sem irmãos" (Mãe 15); "ela sempre foi sozinha. Não tem motivo de não dar um maninho pra ela" (Mãe 17). Algumas se referiram à própria história familiar ou à do marido para justificar sua motivação: "pra mim foi muito legal ter irmãos" (Mãe 21); "tenho uma diferença de seis anos com a minha irmã... . Então, eu queria uma diferença menor" (Mãe 19). Já uma das mães, mesmo querendo que a filha tivesse um irmão, gostaria que a primogênita tivesse mais tempo de ser filha única: "quero que ela possa curtir um pouco também ser filha única, já que ela tem essa possibilidade" (Mãe 3). Uma das mães (Mãe 19), no entanto, sempre planejou ter dois filhos e não mencionou a importância da existência do segundo filho para o primogênito, nem vice-versa.

Assim, a idade do primogênito e a diferença de idades entre os filhos foram fatores de decisão para o planejamento. Algumas mães preferiam ter entre 3 e 5 anos de diferença: "3 anos seria uma fase ideal... que ele também não fosse bebezinho, pequenininho, que precisa de cuidados especiais" (Mãe 10); "engravidaria quando ela tivesse 4 anos e nasceria antes dela completar 5" (Mãe 3). Enquanto outras achavam melhor ter menos de 2 anos de diferença: "ter relativamente próximos... nem 2 anos... que se a gente pensa muito não tem o segundo" (Mãe 9).

Ao mesmo tempo em que esperavam um momento em que o primogênito fosse mais independente, algumas mães consideravam a idade dos filhos, para que não ficasse tão distantes e fossem companheiros: "uns 4 anos... . Então não é mais tão dependente. Mas também que não fosse tão grande que eles não possam ter amigos em comum, ter brincadeiras juntos e gostar de se relacionar" (Mãe 4). E para elas próprias se manterem encorajadas: "Que daí fica muito espaçado. Acho que eu perco a coragem de ter um filho e começar tudo de novo" (Mãe 25). Todos esses fatores foram importantes para algumas mulheres decidirem ter um segundo filho e se sentirem seguras: "porque ela já tá mais tranquila, já entende, comprehende melhor" (Mãe 17).

Ainda foram mencionadas mudanças e reformas na casa para receber o novo bebê e a inclusão do primogênito nos preparativos para a chegada do irmão. Em especial, quando os filhos eram de sexos diferentes, a adequação do espaço e a questão de um novo quarto esteve em pauta: "reforma na casa... que ele vai ter o quartinho dele e ela vai ter o dela" (Mãe 4). Assim, a participação do primeiro filho nesse momento foi vista como uma adaptação às mudanças que estavam por vir: "montamos o quarto, começamos a comprar roupinha e mostrar pra ele que ia vir uma maninha... que ia ser amiga dele" (Mãe 15). Algumas expectativas de ser uma mãe diferente com esse filho foram mencionadas, tais como ter mais tempo para dedicar-se a esse bebê e amamentá-lo: "ter mais tempo com ele... eu não conseguia amamentar, eu queria muito amamentar esse... agora tô me preparando melhor" (Mãe 5). O segundo filho foi visto como uma nova oportunidade para exercer a maternidade de forma diferente para algumas mães: "eu ficava arrumando, bem neurótica, mas dessa vez eu acho que vai ser diferente" (Mãe 5).

Quando o segundo filho era considerado também o último, as mães alegaram não pensar em ter outros filhos por questões financeiras, pela idade, pela disponibilidade do casal, de tempo, em função do trabalho em turno integral da mãe e do pai, ou mesmo por considerarem dois o número ideal: "Vai ser o último mesmo, eu não quero mais nenê nenhum" (Mãe 17); "a gente não pretende ter outro filho por questão financeira... o tempo também" (Mãe 5); "Vou ficar só com esses dois, até porque eu já tenho 43 anos" (Mãe 15); "dois realmente tá de bom tamanho... vou ficar por ai" (Mãe 9); "ter dois filhos ainda dá, três fica fora de controle, porque o pai olha um, a mãe olha o outro e o terceiro fica fora de controle sempre" (Mãe 13).

Era difícil para algumas mães pensar em outro bebê, já que o segundo nem havia nascido, mas também não descartavam essa possibilidade: "mas nem nasceu, e tu já ta pensando no outro?" (Mãe 3); "agora não passa pela minha cabeça, mas não é descartada a ideia... tu nem viu um ainda, tu tem que esperar" (Mãe 6). Embora outras mães não planejassem, imaginavam a possibilidade de ter um terceiro se tivessem a concordância do marido: "hoje não planejamos... por mim, eu teria mais um. Meu marido diz que eu sou louca... se eu não precisasse trabalhar, viajar... Mas eu acho que ele... duas é o suficiente, tá ótimo" (Mãe 8).

Quando as mães consideravam esse seu último bebê, sentimentos de nostalgia foram associados a essa decisão: "nessa gravidez, eu me sinto mais nostálgica: ah, vai ser a última gravidez... é um momento muito gostoso... . A gravidez em si é uma coisa muito gratificante" (Mãe 13); "já sinto até uma nostalgia assim de estar se aproximando do final, eu sinto até uma saudade disso aqui tudo. Até porque eu acho que a gente não vai ter outro filho" (Mãe 19). Uma das mães temia que o segundo fosse sempre tratado como seu bebê, por ser o caçula: "Ele é o meu caçulinha assim, sabe, eu tô um pouco com essa ideia: 'Ai, caçula da mamãe!' Eu quero tentar fugir um pouco disso, mas eu tô preocupada. Eu tenho a sensação de que vai ser assim o meu bebê" (Mãe 16). Sentimentos ambivalentes também foram relatados no que se referia ao sexo do último bebê: "eu fiquei meio assim, ai é meu último filho, eu não vou ter outra menina... . Apesar disso, eu fiquei bem satisfeita. Eu acho que é o meu último filho, se eu pudesse ter escolhido eu teria escolhido menino" (Mãe 7). E de tolerância quanto ao desconhecido, por ser o último: "tran-

quilo a gente já conhece, né? Se for do tipo chorão, daí eu penso assim: bom, como vai ser... a gente não pretende ter outro - então, tá tudo bem porque vai ser o último" (Mãe 16) ou de temor pela diferença: "eu fico com medo do novo, de repente... porque para mim é muito estranho aquela coisa de tu estar gerando um menino" (Mãe 14).

Em alguns casos, algumas mães queriam apenas dois filhos, em especial, quando o sexo era o que esperavam: "sempre tive vontade de ter dois filhos... nunca de ter mais que dois, porque eu acho dois o ideal, principalmente o casal, mais ideal ainda" (Mãe 2). Quando o sexo dos dois filhos era o mesmo, foi cogitada a possibilidade de se tentar um terceiro: "se fosse um menino, com certeza eu te diria que eu não quero mais. Hoje eu não penso em ter outro, mas eu não fechei essa possibilidade" (Mãe 3). Um contraponto foi feito por uma mãe que pensaria em outro filho, sendo ele menino ou menina: "Eu pensaria num terceiro filho, independente do que for" (Mãe 16). Mesmo não pretendendo ter outro filho, admitir essa possibilidade gerou ambivalência em algumas mães: "vou colocar DIU... penso que assim não inviabilizo a possibilidade de ter outro filho se eu quiser, se acontecer alguma coisa com o meu... Mas eu não pretendo ter outro filho" (Mãe 7).

Sexo do segundo filho

A preferência por um filho do sexo feminino ou masculino foi comunicada por algumas mães. Nem sempre, contudo, as expectativas coincidiam com a vontade delas. Em alguns casos, a mãe esperava que o bebê fosse uma menina, mas expressava claramente sua preferência por outro menino: "achava que fosse menina... daí eu guardei as coisas do R... carrinho, berço, roupinha... pra te ser bem sincera, se fosse menina, Deus o livre!" (Mãe 5). Em alguns casos, a preferência era ter um bebê do mesmo sexo do primogênito: "tinha quase que certeza e muita vontade, te confesso, que fosse outro guri, que eu gostei muito dessa coisa meio selvagem. Power Rangers" (Mãe 16) ou de ter um casal. Uma das mães expressou preferência por menina, que se confirmou: "Ah, eu queria uma menina desde o início" (Mãe 6), enquanto outra não confirmou: "Frustrou esse lado... da expectativa... ter um casal... ter as duas experiências" (Mãe 20).

Algumas mães relutaram em admitir uma preferência, embora tivessem uma vontade particular: "Não é

que eu tivesse preferência... eu achava que ia ser um menino, não sei o porquê, eu sempre achei que ia ser mãe de dois... não me via mãe de menina" (Mãe 22); "eu sempre tinha assim o sentimento que era guri, acho que desde o começo" (Mãe 17). Enquanto outras mães não expressavam sua preferência claramente: "sempre dizia: 'ai, pra mim tanto faz menino ou menina'" (Mãe 13); "se tiver um menino, vai ser legal, mas se tiver uma menina, vai ser legal também" (Mãe 10). Essas expectativas também foram pautadas pelas diferenças sentidas na gestação: "uma expectativa de que fosse um menino, porque a gravidez foi diferente até aquele momento" (Mãe 3). Ao longo da gravidez, essas ideias mudavam, pois ora a mãe imaginava um menino, ora uma menina: "antes de eu engravidar: 'agora quero um menino quero botar boné, bermuda, tênis, quarto azul'... Aí, quando eu engravidou: 'se fosse menina, ia ser tudo mais fácil...' já tem um conhecimento de como é que funciona, já tem a forma" (Mãe 13). Além de aproveitar o enxoval, a possibilidade de parceria entre os filhos do mesmo sexo era apreciada pelas mães que tinham dois meninos ou duas meninas: "acho que vão ser bem parceiros... de brincadeiras e tudo, e dividir as mesmas coisas... aproveitar muita coisa" (Mãe 9).

Assim, sentimentos de satisfação estiveram associados à confirmação da preferência e de frustração quando não se confirmava sua vontade: "até me frustrei assim... eu gostaria que fosse outro menino.... Eu acho que a probabilidade de eles viverem melhor seria se fossem dois meninos" (Mãe 15). Após ter tido experiência com a primogênita, uma das mães (Mãe 18) manifestou preferir ter uma segunda filha: "nunca me imaginei mãe de menina, sempre mãe de menino, quando veio a E, aí eu fiquei tri felizes hoje eu prefiro mil vezes menina" (Mãe 18). Algumas mães também associaram essa preferência ao fato de terem irmãos (Mãe 13) ou irmãs.

A descoberta de sexo esteve ligada à confirmação da vontade expressa ou não pelas mães de ter um segundo filho, menino ou menina. Quando a notícia foi contrária à expectativa, as mães expressaram frustração (Mãe 20) ou conformidade e iniciaram um processo de adaptação à realidade e preparativos mais concretos para receber o bebê: "agora não muda mais: é menino... a gente ficou adaptando... começamos a curtir o fato de ser um menino... comprar roupinha" (Mãe 13). Já quando a notícia do sexo confirmava a expectativa da mãe, foram relatados sentimentos de felicidade e satisfação: "tinha

quase certeza que era uma menina. E fiquei muito feliz... a gente queria mais uma menina" (Mãe 11); "imaginava que eu ia ter dois meninos, sempre, sempre, então pra mim não foi uma surpresa... não sei porque eu me imagino mãe... só de meninos" (Mãe 22). Uma delas disse, entretanto, não ter expectativas quanto ao sexo: "a mãe, às vezes, pressente mas eu não" (Mãe 2).

O fato de o sexo ter agradado ou desagradado o primogênito, o marido e os avós maternos e paternos também foi mencionado: "E aí o médico olhou pra ela [primogênita] e disse assim: 'Então tu podes agradecer a Deus, porque é uma menina'. Aí ela ficou toda contente. Aí o R. [marido] e, 'Bah! Outra mulher?' (Mãe 8). Em especial quando o sexo do segundo filho correspondia às expectativas familiares: "É bem legal, ainda mais quando tu vem de uma família de cinco irmãs.... Então, um menino sempre é bem vindo, né?" (Mãe 9); "Eu tinha convicção de que seria um menino... não foi uma surpresa tão grande assim, foi uma alegria. Mais pelo meu marido, que queria um filho homem, na família dele são todas mulheres netas" (Mãe 7).

Quando o segundo filho era de outro sexo, duas mães começaram a comentar que as diferenças seriam maiores e isso gerava expectativas de ver como seria o bebê: "A gente tá nessa expectativa de ver essas diferenças, apesar de saber que cada nenê ia ter de qualquer forma, né? Mesmo sendo outra menina, ela é diferente" (Mãe 4); "mais um filho, sabe. Uma experiência nova por ser menino, de ter coisas diferentes" (Mãe 21). Houve algumas mães, no entanto, que sentiram alívio por considerarem que as diferenças seriam menores, no caso de dois filhos do mesmo sexo: "Foi muito bom. Não só, claro, pela coisa material, mas eu tô dentro desse universo masculino" (Mãe 16); "Tu já sabes como é. Não tem tanto desafio" (Mãe 18). Uma delas achou que teria mais trabalho com duas meninas: "ficar mais sobre carregada, outra menina.... Porque mulher dá mais trabalho" (Mãe 20).

As mães expressaram diferentes sentimentos diante da descoberta do sexo, desde alegria até abalo por a notícia não confirmar as expectativas: "quando veio a notícia de menino eu também fiquei meio abalada" (Mãe 12). Algumas contradições e sentimentos ambivalentes também foram descritos: "fiquei bem contente... queria que fosse uma menina... mas depois que eu soube que era guri, eu relaxei, assim, comecei a falar nome e tudo, mas não tive nem um trauma nem nada... nenhum choque porque eu não esperava que fosse" (Mãe 5).

As implicações da descoberta do sexo e a confirmação ou não das expectativas geraram diferentes repercussões nos sentimentos maternos. Algumas mães se tranquilizaram por já ter "experiência" com o sexo do primogênito: "Ah, se fosse outra menina ia ser legal, porque a gente já sabe como é... tem uma certa experiência" (Mãe 3). Em outros casos, o segundo filho foi sentido como uma nova experiência por ser de sexo diferente: "e se fosse uma menina, não seria uma nova experiência... claro que eu já tive um bebê, mas o menino é diferente, eu acho que vai ser tudo diferente para mim, no dia a dia, na criação também" (Mãe 2).

Mesmo confirmando a preferência de sexo do segundo filho, as diferenças de sexo geravam expectativas de cuidado diferente: "acho que guri é mais fácil porque guri é mais independente... . E a menina tem todo um cuidado diferente, que é mais fragilzinha... mas o que eu imagino é que ela seja mais frágil, mais dependente, sei lá, é mais cuidado" (Mãe 6); "tudo o que eu ensino para a A. não fazer eu vou ter que ensinar para ele fazer... jogar futebol" (Mãe 2).

Escolha do nome

A escolha do nome do segundo filho dependeu, primeiramente, da opinião da mãe: "eu que vou ficar com o pé inchado, sou eu que vou enjoar, sou eu que vou ter não sei o quê, eu tenho direito de escolher o nome do meu filho" (Mãe 22), mas também do consenso do casal, da aceitação do pai: "Na verdade o nome dos dois eu escolhi. Ele... aceita. Só pediu uns dias pra se acostumar" (Mãe 7), do casal e primogênito (Mãe 21), do primogênito: "só vai ser esse nome se ela achar bom também" (Mãe 3), e de familiares "Consultamos a família também... a avó.... minhas irmãs" (Mãe 22) ou do pai e da primogênita, com o consentimento posterior da mãe (Mãe 20).

Relataram-se maiores dificuldades para escolher o nome do segundo filho: "nome é crise" (Mãe 10); "Foi uma dificuldade" (Mãe 9); "Ah, o nome foi uma briga... Foi uma discussão" (Mãe 17). Esse processo, em geral, tomou mais tempo comparado à escolha do primogênito, pois tinham que agradar também aos familiares: "custou dessa vez... de ter que agradar a todos" (Mãe 3). Sendo assim, muitas mães acharam mais fácil escolher o nome do primogênito do que do segundo filho: "Ai, que coisa, que difícil, da C. foi tão fácil... Antes da gente descobrir o sexo. Eu

já tinha C." (Mãe 8). Algumas mães afirmaram que já haviam escolhido uma opção de nome para o bebê, mas que o filho tinha o sexo oposto ao que imaginavam: "Foi difícil, porque assim, se fosse menina, eu já tinha o nome na cabeça, apesar de achar que eu ia ser sempre mãe de menino... demorei um tempo pra escolher" (Mãe 22). Uma das mães (Mãe 4) ainda não havia escolhido o nome do bebê, estando no terceiro trimestre de gestação: "nome que não tem ainda. Não pensamos ainda" (Mãe 4).

As mães atribuíram diferentes significados aos nomes escolhidos para o segundo filho com destaque para nomes fortes: "gosto do nome, acho forte, acho parecido com o nome dele [do pai]" (Mãe 7), bonitos ou que as agradassem: "A gente achou que tinha ficado bonito" (Mãe 15), com significado religioso, simples: "nomes corriqueiros... É só a ideia assim de um nome simples, nada de nome muito sofisticado" (Mãe 10) e exclusivos ou pouco comuns: "Eu não gosto dessas epidemias" (Mãe 12). Ainda foram apontados os nomes ligados à origem da família: "Por ser um nome italiano também" (Mãe 6), assim como em homenagem a familiares já falecidos, nomes antigos (Mãe 18) e que combinasse com o do primogênito: "Eu queria alguma coisa que combinasse um pouquinho com K., que não fosse muito longo" (Mãe 22); "Ah, então tá, legal, N. e N." (Mãe 17). Apenas uma mãe (Mãe 3) não mencionou o significado do nome escolhido pelo pai do bebê, afirmando que precisou de um tempo para se acostumar com a ideia, e outra mãe (Mãe 19) não comentou o significado.

Características físicas

Destacou-se a percepção das mães de que esse bebê era diferente, se mexia mais, era maior: "pela eco que eu vejo, acho que ele vai ser maior assim, mais gorducho" (Mãe 13); "achando muito grande mesmo. Ele tá muito grandão" (Mãe 17); "ele vai ser gordo, assim forte" (Mãe 2); "ela mexe, mexe muito mais" (Mãe 19) ou que se mexia menos (Mãe 14), de forma diferente: "eu não senti esse tremor, de borboleta aí, de asa de borboleta. Eu senti já ele se mexendo mesmo, foi bem diferente" (Mãe 21).

Tanto as impressões atuais como as expectativas futuras baseavam-se nas ultrassonografias, bem como em comparações com o primogênito: "ele mexe muito. Eu digo que vai ser um serviço. A A. não mexia tanto, mas ele mexe bastante... é diferente" (Mãe 2). Algumas mães se

deram conta de que acabavam sempre falando do primogênito, tomando-o como referência e fazendo comparações com o segundo: "Tu vês que eu sempre acabo falando da E." (Mãe 7); "Aí eu fico comparando" (Mãe 19); "a gente imagina sempre que seja parecido. Na ecografia elas são muito iguais" (Mãe 8).

As semelhanças físicas e comparações com familiares também foram destacadas. Assim, muitas mães achavam que o bebê se parecia fisicamente com o primeiro filho, com o marido ou a família de origem do pai (Mãe 6), com elas mesmas (Mãe 14) ou com sua família, ou com ela e a primogênita, com o pai e o primogênito ou com o casal (Mãe 21), com destaque para as comparações com o primogênito: "fisicamente até pela eco, eu acho que ela vai ser parecida" (Mãe 3); "imagino exatamente como o R. Meu único parâmetro é esse" (Mãe 12). Algumas mães expressaram a vontade de que um filho se parecesse com o pai e o outro com elas: "o F. é a minha cara, ele não tem nada do meu marido. Então, eu espero que o L. tenha alguns traços do pai, né? Pra não ficar tão ruim" (Mãe 9); "acho legal casais que tem dois dos filhos e que um é a cara da mãe e o outro é a cara do pai" (Mãe 2). Algumas mães, por sua vez, diziam não ter expectativas quanto ao segundo filho, em termos físicos: "Eu não idealizo muito, 'ai, vai ter cabelinho assim, cabelinho assado. Não, do jeito que ela vier" (Mãe 8); "não imagino... . Características físicas eu não tento imaginar muito, porque eu acho imprevisível" (Mãe 4).

Alguns sentimentos comuns foram relatados a partir das ultrassonografias. Muitas mães se emocionavam toda vez que viam o bebê enquanto duas se cobravam por não chorarem como da primeira vez. Também tinham medo de ver alguma síndrome ou malformação pelo exame.

Características psicológicas

As expectativas quanto ao temperamento do bebê foram trazidas pelas mães com relação à diferença de sexo entre os filhos: "vão aparecer diferenças na personalidade deles, como são sexos diferentes" (Mãe 13); "o menino sempre é mais danado que a menina... mas a A. é demais de danada, mas se ele for mais eu não sei o que vai ser de mim" (Mãe 2). Novamente, muitas mães trouxeram suas expectativas com relação ao segundo filho em comparação com o primogênito: "vai ser bem ativo. Tipo

a M.C., assim. Bem social, bem comunicativo, bem popular" (Mãe 11); "Ah, ele é bem agitado, bem mais agitado que o R, pula bastante, bem mais agitado" (Mãe 5). Algumas mães que consideravam o primogênito tranquilo gostariam que o bebê também o fosse: "que as duas fossem assim do mesmo gênio, do mesmo estilo. Não uma ficar sobressaindo a outra, mas que fossem parecidas" (Mãe 11) e também que fosse diferente, quando o primeiro era considerado retraído (Mãe 8), agitado, inseguro (Mãe 25), brabo (Mãe 19), chorão (Mãe 14) ou tivesse características não apreciadas pelas mães.

Além da referência do primogênito, algumas mães expressaram suas expectativas quanto às características emocionais do bebê considerando o jeito do pai: "espero que seja igual ao pai dele, assim calmo, ia dar um equilíbrio assim" (Mãe 22). Enquanto outras esperavam que o segundo filho fosse diferente do marido, quando este era difícil: "eu não gostaria que ele tivesse a cabeça do L. em alguns aspectos" (Mãe 2) ou diferente delas, já que a primogênita era parecida: "A gente se identifica nessa história de ser parecido" (Mãe 25). Ainda foram destacados relatos em que a mãe esperava que a criança apresentasse uma soma de características dos pais: "Algumas coisas mais parecidas comigo, outras mais com o meu marido. Tanto fisicamente, quanto no temperamento e tal. Acho que vai ser uma mistura" (Mãe 10) e dos pais e do primogênito: "mix entre mim, a C. e o V, vai ser aquela coisa do nenê" (Mãe 14).

Dessa forma, o ambiente e o modo de conviver já existente na família também influenciaram as expectativas maternas quanto ao temperamento do segundo filho: "não espero um bebê, assim, muito tranquilo. Porque não é o nosso jeito lá em casa" (Mãe 5). Em contrapartida, uma mãe (Mãe 7) relatou expectativas de que o segundo filho fosse mais calmo que o primogênito pelo fato de ela estar mais tranquila e por sua experiência anterior: "acho que ele vai ser mais tranquilo que ela, porque eu também sou mais experiente" (Mãe 7). Uma das mães esperava que o segundo filho fosse mais difícil de lidar que o primogênito: "tô imaginando que ele vai ser pior, vai ser mais danadinho" (Mãe 24).

As mães relataram sentimentos de medo diante das diferenças possíveis quanto ao novo bebê por não saberem como ele seria no futuro: "sempre tive muito medo dessas coisas assim, de... um é fácil, se torna fácil, o segundo a gente não sabe. Até porque não sabe como vai

ser... as características dessa criança" (Mãe 3); "o R. é tri calmo, assim, bem carinhoso e tudo, e eu fico imaginando que o E. vai ser daquelas crianças assim bem elétricas, sabe? Daí eu fico meio com medo, de como é que vai ser mesmo" (Mãe 5). Uma das mães destacou que a dificuldade poderia se dar pelo bebê vir a ser diferente: "pode ser fácil em muitas coisas, mas eu acho que é uma outra pessoa, como é que tu vai dizer que não vai estar atenta às necessidades" (Mãe 12).

A perspectiva de grandes mudanças também era ventilada: "de repente vai ser mais chorão... enfim, muda, com certeza.... Essa coisa de que um pra dois, não, é um pra quatro, né? Essas mudanças são realmente muito grandes" (Mãe 16). Ou preferiam nem imaginar, por medo da diferença: "sabe que eu não imagino... não sei como é que vai ser, porque eu não tenho como... Eu só fico com medo que ela me dê um baile" (Mãe 8).

Enquanto algumas mulheres falavam de suas impressões atuais sobre as características e expectativas a respeito do temperamento do bebê, já pensando no que estava por vir: "já espero de tudo assim depois dessa bagunça toda que faz na minha barriga. Acho que vai ser uma criança bem bagunceira, bem alegre" (Mãe 17). Outras mães preferiam não criar expectativas nesse momento: "melhor não criar expectativa... Até por ser um segundo... Cada criança, acho, que vai ter seu jeito.... Na verdade, eu não tento pensar muito" (Mãe 4); "Não sei se tem muito o que imaginar... o emocional da criança... ficar tentando prever como vai ser... não tem como!" (Mãe 12). Mesmo com base na experiência anterior, algumas mães não relataram expectativas quanto ao futuro do segundo filho: "Apesar de tu ter um filho, eu acho que a gente nunca sabe o que uma criança vai querer" (Mãe 4); "não tento criar uma imagem do quê que ela vai ser, entende? Eu tô esperando pra ver o que vai acontecer" (Mãe 3).

Discussão

No presente estudo, a maioria das mães planejou, com seu marido, o momento de engravidar do segundo filho, considerando diferentes fatores. Depois da decisão, algumas mães engravidaram em seguida, outras mais rápido do que imaginavam, enquanto algumas levaram mais tempo do que gostariam. Essas variações despertaram diversos sentimentos nas mães, tanto de alegria, como de frustração, bem como sentimentos ambivalentes. Além da concordância do marido

e dos planos de não ter um filho único, as mulheres atentaram para a vontade do primogênito de ter um irmão, a distância de idade entre as crianças e a maior independência e capacidade de compreensão do mais velho. Esses resultados corroboram o que a literatura aponta como fatores importantes na decisão de ter o segundo filho, como idade que separa um filho de outro e circunstâncias psicossociais, bem como o apoio prático, econômico e emocional que recebem (Frost, 2006; Krieg, 2007; O'Reilly, 2004).

A mudança que estava por vir passou a ser sentida pelas mães, diante da proximidade da chegada do novo bebê. O primeiro filho foi incluído ativamente nos preparativos para receber o irmão. Algumas preocupações, como dividir a atenção e a perda de exclusividade do primogênito, foram destacadas. É grande a importância atribuída pelas mães à aceitação do bebê por parte do primogênito e à preocupação com a mudança da intensidade da relação com o primeiro filho. A mãe teme perder ou diluir a intensidade da relação com o primogênito diante da chegada de um bebê ainda desconhecido. Existe ainda o medo de que o filho mais velho sofra e seja prejudicado pela rivalidade com o novo bebê (Brazelton & Cramer, 1992). A maioria das crianças, contudo, pode aprender a compartilhar e se adaptar à chegada de um irmão (Vivian, Lopes & Caron, 2011).

Com base na teoria psicanalítica, há diferentes motivos para uma mulher querer um filho: a identificação, as projeções, a satisfação de necessidades narcisistas e as tentativas de recriar velhos laços no novo relacionamento com o bebê (Brazelton & Cramer, 1992; Kancyper, 2004). No que se refere ao segundo filho, existe a possibilidade de se tentar atingir ideais ainda não obtidos através do primeiro, embora o desconhecido representado por esse bebê não oferecesse tais garantias. A partir dos achados do presente estudo, o segundo filho pode ser sentido como uma nova oportunidade de realização de ideais maternos e uma nova chance para exercer a maternidade de forma diferenciada (Frost, 2006).

O segundo filho era considerado também o último devido a fatores como idade da mãe, financeiros ou mesmo por ser considerado o ideal em termos de família completa, que corrobora os achados de Upton (2000). Caso o segundo filho fosse o último, também encerraria para a mãe a possibilidade de realizações inconscientes

ou conscientes não obtidas com o primeiro filho. Por isso, muitas mães levaram em conta o sexo do bebê e as referências familiares para justificar sua decisão sobre ter apenas dois filhos. Já em relação à criança, o segundo filho pode ser protegido pela mãe por ser o caçula, bem como despertar medo e dificuldade em lidar com os ciúmes do primogênito. Algumas mães do presente estudo afirmaram que temiam proteger o bebê em detrimento do mais velho ou que tentavam amenizar, já na gestação, a rivalidade fraterna. Isso pode estar relacionado à própria história como filha e irmã (Kancyper, 2004). Esses aspectos, contudo, assim como o significado do segundo filho para a mãe, têm sido negligenciados na literatura (Lopes et al., 2012).

Quanto à preferência e à descoberta do sexo, diferentes sentimentos foram relatados pelas mães, desde a satisfação por saber que esperavam o filho do sexo desejado, até a conformidade diante da notícia diferente. Na gestação, o sexo é um dos principais aspectos para se conhecer o bebê (Caron et al., 2008; Piccinini et al., 2008), e também uma das únicas características próprias da criança sobre a qual a mãe não pode decidir. Isso se reflete na intensidade da reação à notícia. Assim, a descoberta de sexo esteve associada à maior receptividade da criança, quando esta satisfazia o desejo materno. Até receberem a notícia, algumas mães variaram suas preferências, ora dizendo que gostariam de ter um menino, ora uma menina. Nesse período, a mãe pode imaginar livremente o sexo do bebê que espera. A literatura aponta que esse exame introduziu uma nova forma de contato com o bebê, possibilitando à gestante visualizá-lo antes de seu nascimento (Caron et al., 2008; Ferrari, Piccinini & Lopes, 2007; Grigoletti, 2005; Piccinini et al., 2004; 2008).

Muitas mães mencionaram a vontade de agradar os familiares, o pai e o primogênito, além da própria preferência. Outras não deixaram clara sua vontade de ter menino ou menina, dizendo não ter gerado expectativas quanto ao sexo do segundo filho. Dentre as mães que esperavam filhos do mesmo sexo, relataram-se sentimentos de alívio, por acharem que já sabiam lidar com determinado sexo. As mães cujo segundo filho era de sexo diferente do primeiro pareceram expressar mais temores pelas mudanças diante da proximidade da chegada do novo bebê, destacando mais as diferenças em relação ao primogênito. Corroborou-se que a prefe-

rência por determinado sexo, para as mães que esperavam o segundo filho, esteve muito ligada ao sexo do primogênito, tanto no sentido de ter um bebê do mesmo sexo como de ter uma experiência diferente da primeira (Coldebella, 2006). Mesmo assim, algumas mães podem recorrer a jargões como “não faz diferença” por dificuldade de expressar sua preferência por um dos sexos. Tal preferência costuma estar ligada a sentimentos conscientes e inconscientes variados, além de expectativas e crenças sobre as diferenças entre os gêneros, juntamente com os valores culturais para meninos e meninas e a própria sexualidade (Parker, 2005). Acrescenta-se, nesse aspecto, a forma satisfatória ou decepcionante como a mulher se relacionou com os próprios genitores (Grigoletti, 2005) e irmãos (Kancyper, 2004).

No que se referiu à escolha do nome do segundo filho, diversos fatores influenciaram, desde a vontade da mãe, do pai, de familiares e também do primogênito. Em geral, foram descritas mais dificuldades para se escolher o nome desse bebê. A partir da decisão, diferentes significados foram atribuídos aos nomes escolhidos para o segundo filho. Destacaram-se nomes considerados fortes e bonitos, até nomes simples, mas exclusivos e pouco comuns. A origem da família, em homenagem a familiares já falecidos, nomes religiosos ou que combinasse com o do primogênito também foram citados como razão. A escolha do nome tem simbolismo importante e é diferente para cada filho (Brazelton & Cramer, 1992; Piccinini et al., 2008). O nome costuma refletir as expectativas geradas sobre a criança, bem como seu significado para os pais (Piccinini et al., 2008).

As percepções ligadas às características físicas e emocionais, atuais e futuras dessa criança foram fortemente mediadas pelas ultrassonografias obstétricas, o que corrobora a literatura (Grigoletti, 2005; Piccinini et al., 2004). Para Piccinini et al. (2008), a maneira como a mãe percebe os movimentos fetais possibilita a atribuição de características físicas e de temperamento ao bebê. Confirmou-se ainda o que é apontado em estudos observacionais, que o *setting* da ultrassonografia propicia a regressão dos familiares e as projeções sobre o bebê (Caron et al., 2008). No presente estudo, a partir do exame, as mães expressaram temores comuns e sentimentos quanto ao segundo filho, incluindo desde a

satisfação por ver o bebê formado até fantasias e o medo de alguma síndrome ou prematuridade. Os dados do exame podem tanto incrementar as fantasias maternas como também antecipar algumas frustrações.

A impressão de que o bebê dentro do útero já pode ser diferente do primogênito foi expressa através das impressões de que, por exemplo, o segundo filho se mexia mais e era maior do que o anterior. Muitas mães relataram sentimentos de tranquilidade em função de já terem tido a primeira experiência. Já algumas mencionaram não ter gerado expectativas quanto ao segundo filho e seu futuro. Consideravam não saber como seria o bebê depois do nascimento, temendo o desafio de ter que lidar com o que ainda era desconhecido. Não há dúvida de que, a partir da segunda gravidez, a mulher já conhece uma série de sensações típicas ligadas à vivência anterior. Apesar de tudo, trata-se de uma nova experiência, pois nenhuma gravidez é igual à outra. Pode-se questionar, assim, o mito de que o segundo filho seria mais fácil, em função da experiência com o primogênito (Lopes et al., 2012). Assim como cada filho é único, a mãe é única com cada filho (Winnicott, 1968/1987a), o que se constitui um novo desafio para a relação com o bebê.

A literatura aponta diferentes repercussões da presença das expectativas da mãe para o psiquismo do bebê e de conteúdos projetivos para a relação da dupla (Piccinini et al., 2004). Tratando-se da relação inicial de uma mãe com seu filho, certo grau de projeção é necessário para começar a construir o relacionamento; ainda que o bebê seja revestido das características valorizadas pela mãe, costuma haver fantasias e conflitos internos (Brazelton & Cramer, 1992). Caso a mãe consiga imaginar seu futuro bebê e ainda assim propiciar espaço para que ele possa assumir sua própria identidade, as projeções não se dariam de forma maciça e auxiliariam a mãe a se familiarizar com a criança (Brazelton & Cramer, 1992; Piccinini et al., 2004). Autores que estudam as interações enfatizam que as representações e as fantasias que a mulher faz de si mesma como mãe e do seu futuro bebê influenciam a relação com o filho (Brazelton & Cramer, 1992). Alguns detalhes, como os cuidados iniciais, repercutem na relação da dupla e podem ser portadores de projeções maternas.

Sendo assim, para além das questões físicas, em termos emocionais, haveria o desafio de lidar com as

diferenças que estavam por vir. As mães já iniciaram a atribuição de características peculiares ao bebê nesse período. Diversas delas esperavam que os filhos tivessem temperamento tranquilo ou que fossem parecidos com o que já era familiar. Quando o primogênito não tinha alguma característica que elas gostariam, as mães almejavam que o segundo pudesse desenvolvê-la. Quanto às características de temperamento do segundo filho, foram relatadas comparações com familiares e expectativas de que se parecesse com os pais e o primogênito, mas também de que fosse diferente em termos emocionais do que era considerado difícil para as mães.

Algumas mães consideraram que a experiência anterior influenciaria seu modo de se relacionar com o segundo filho, pois elas se sentiam mais seguras e tranquilas, conforme apontado por Frost (2006). Ainda assim era inevitável que fizessem constantes comparações entre as características da segunda em relação à primeira gravidez. Kancyper (2004) esclarece que a comparação propriamente dita possibilita o exercício de um cotejo, de uma confrontação do semelhante, do diferente e do complementar entre os elementos que intervêm nessa comparação. Esse tipo de comparação inaugura a lógica da tolerância e do relativo, propiciando uma crescente complexidade e desenvolvimento de cada um dos indivíduos envolvidos. Assim, torna-se fundamental para a mãe compreender e aceitar as diferenças entre as crianças, a fim de acolher e receber o desconhecido que vem através do segundo filho. Essa criança também tem um significado particular para a mãe, que precisa ser melhor conhecido e pode estar ligado à própria posição da mãe como na filha, bem como sua relação com os irmãos.

Considerações Finais

Diante dos resultados, as mulheres criaram expectativas quanto ao nome, ao sexo e às características físicas e emocionais do bebê e ao significado de um segundo filho, mas também quanto a si mesmas como mães. Torna-se importante pensar na possibilidade de que a criança que está por vir seja muito diferente do que a mãe gostaria, deixando espaço para que sua individualidade possa transparecer. Deve-se compreender que um novo bebê é parte importante desse processo, pois ajuda a iniciar um relacionamento particular da mãe com o seu segundo filho, ainda que esses as-

pectos ainda precisem ser aprofundados em estudos futuros, pois há uma lacuna na literatura sobre o tema.

O papel que a mãe já havia assumido no nascimento do primogênito precisa se diferenciar com a chegada do segundo, de acordo com cada uma das crianças, e essa seria uma nova oportunidade para exercer a maternidade de maneira diversa da primeira vez. O segundo filho torna mais complexas as inter-relações emocionais na família, pois sua chegada cria novos relacionamentos e demandas diferentes, não apenas em termos de tempo, mas também de envolvimento afetivo. Assim, considera-se a gravidez como um período de importantes reestruturações na vida da mulher que espera um segundo filho e nos papéis que ela exerce, bem como nos demais relacionamentos familiares.

As expectativas maternas foram mediadas pelas comparações com o primogênito, mas já na gestação começou a se esboçar sutilmente o reconhecimento das possíveis diferenças e semelhanças com as quais as mães teriam que lidar. Acolher e aceitar o desconhecido advindo do novo bebê e dividir o tempo e a atenção do primogênito foi uma das principais preocupações maternas já na gestação do segundo filho. Algumas mães referiram estar diferentes com esse novo bebê, pois também já haviam passado pela experiência anterior. Assim, pode-se constatar que a mãe tem uma oportunidade tanto de regressão como de crescimento por meio do desenvolvimento dos filhos e de sua própria história como filha, irmã e mãe. Mesmo que o segundo filho tenha ficado em segundo plano até na literatura sobre o tema, questiona-se se a experiência anterior torna mais fácil a relação com o diferente, que está por vir. Tal experiência será explorada de forma mais específica em outro estudo desenvolvido com essas mesmas participantes.

Referências

- Brazelton, B. T., & Cramer, B. G. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.
- Caron, N. A., Fonseca, M., & Lopes, R. C. S. (2008). The baby and his majesties: Some reflexions on human helplessness. *Infant Observation*, 11(1), 67-76.
- Coldebella, N. (2006). *Expectativas e sentimentos de gestantes primíparas e secundíparas sobre seus bebês* (Dissertação de mestrado não-publicada). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- Ferrari, A. G., Piccinini, C. A., & Lopes, R. S. (2007). O bebê imaginado na gestação: aspectos teóricos e empíricos. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 305-313.
- Frost, N. (2006). *Taking the other out of mother: A qualitative study of the transition to second-time motherhood using narrative analysis* (Unpublished doctoral Thesis). Birbeck College, London.
- Grigoletti, L. V. S. (2005). A influência da ultrassonografia na representação do filho imaginário: filho real. *Psico*, 36(2), 149-157.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia - GIDEP/Nudif/UFRGS/CNPq (2005a). *Ficha de contato inicial* (Instrumento não-publicado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia - GIDEP/Nudif/UFRGS/CNPq (2005b). *Entrevista de dados demográficos* (Instrumento não-publicado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia - GIDEP/Nudif/UFRGS/CNPq (2005c). *Entrevista sobre a gestação e as expectativas da gestante* (Instrumento não-publicado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Hollingshead, A. (1975). *The four-factor index of social status* (Unpublished paper). Yale University, New Haven.
- Kancyper, L. (2004). *Complejo fraternal: estudio psicoanalítico*. Buenos Aires: Lumen.
- Kojima, Y., Irisawa, M., & Wakita, M. (2005). The impact of a second infant on interactions of mothers and firstborn children. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 23(1), 103-114.
- Krieg, D. L. B. (2007). Does motherhood get easier the second-time around? Examining parenting stress and marital quality among mothers having their first or second child. *Parenting: Science and Practice*, 7(2), 149-175.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lopes, R. C. S., Vivian, A. G., Oliveira, D. S., Pereira, C. R. R., & Piccinini, C. A. (2012). Desafios para a maternidade decorrentes da gestação e do nascimento de um segundo filho (pp.301-326). In C. A. Piccinini & P. Alvarenga (Eds.), *Maternidade e paternidade: parentalidade em diferentes contextos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Möller, K., Hwang, C. P., & Wickberg, B. (2006). Romantic attachment, parenthood and marital satisfaction. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 24(3), 233-240.
- Nichols, M. R., Roux, G. M., & Harris, N. R. (2007). Primigravid and Multigravid Women: Prenatal perspectives. *Journal of Perinatal Education*, 16(2), 21-32.
- Oliveira, D. S., & Lopes, R. C. S. (2008). "Mãe, quero ficar contigo...": comportamentos de dependência do primogênito no contexto de gestação de um irmão. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 212-220.
- O'Reilly, M. M. (2004). Achieving a new balance: women's transition to second-time Parenthood. *Journal of Obstetric, Gynecologic and Neonatal Nursing*, 33(4), 455-462.
- Parker, R. (2005). *Torn in two: the experience of maternal ambivalence*. London: Virago Press.
- Pereira, C. R. R., & Piccinini, C. A. (2007). O impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 24(3), 385-395. doi: 10.1590/S0103-166X2007000300010.
- Pereira, C. R. R., & Piccinini, C. A. (2011). Gestação do segundo filho: percepções maternas sobre a reação do primogênito. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 28(1), 65-77. doi: 10.1590/S0103-166X2011000100007.
- Piccinini, C. A., Gomes, A. G., Moreira, L. E., & Lopes, R. C. S. (2004). Expectativas e sentimentos da gestante em relação ao seu bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(3) 223-232.
- Piccinini, C. A., Lopes, R. C. S., Gomes, A. G., & Nardi, T. (2008). Gestação e a constituição da maternidade. *Psicologia em Estudo*, 13(1), 63-72.
- Piccinini, C. A., Lopes, R. C. S., Rossato, C. R., & Oliveira, D. S. (2005). *Estudo longitudinal sobre o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito* (Projeto de pesquisa não-publicada). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Piccinini, C. A., Pereira, C. R. R., Marin, A. H., Lopes, R. C. S., & Tudge, J. (2007). O nascimento do segundo filho e as relações familiares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(3), 253-262.
- Tudge, J. R. H., & Frizzo, G. B. (2002). *Classificação baseada em Hollingshead do nível sócio-econômico das famílias do estudo longitudinal de Porto Alegre: da gestação à escola* (Manuscrito não-publicado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Upton, R. (2000). *"The next one changes everything": Parental adjustment to the second child among middle-class american families the center of ethnography for everyday life*. University of Michigan. Retrieved on September 9, 2007, from <<http://ceel.psc.isr.umich.edu/pubs/papers/ceel008-00.pdf>>.
- Vivian, A. G., Lopes, R. C. S., & Caron, N. A. (2011). Making space for a fourth, unplanned child with the help of the observer's holding and receptive capacity. *Infant Observation International Journal of Infant Observation and its Applications*, 14(3), 273-286.
- Volling, B. L. (2005). The transition to siblinghood: A developmental ecological systems perspective and directions for future research. *Journal of Family Psychology*, 19(4), 542-49.
- Winnicott, D. W. (1987a). Mãe dedicada comum. In D. W. Winnicott. *Os bebês e suas mães* (2ª ed., pp.1-11). São Paulo: Martins Fontes (Originalmente publicado em 1966).
- Winnicott, D. W. (1987b). O ambiente saudável na infância. In D. W. Winnicott. *Os bebês e suas mães* (2ª ed., pp.51-59). São Paulo: Martins Fontes (Originalmente publicado em 1968).

Recebido em: 6/10/2011
 Versão final em: 30/5/2012
 Aprovado em: 21/6/2012